



**BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS:
CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA**

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p221-228](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p221-228)

RESENHA/RECENSÃO –BOOK REVIEWS

**O CRISTO DA ENCRUZILHADA: APROXIMAÇÃO ENTRE O CANDOMBLÉ E
O CRISTIANISMO**

RIBEIRO, Claudio de Oliveira.e CARNEIRO, João Tokunbó. **Orixás e Fé Cristã. Candomblé e Cristianismo: um diálogo Possível?** Porto Alegre: Legião Publicações, 2025. 176 páginas. ISBN-13: 978-8555271618.

*José Pascoal Mantovani**

Em tempo de intolerância, da propagação da cultura e lógica da violência, propor o diálogo e aproximação em duas vertentes que historicamente foram lançadas na lógica dicotômica de certo e errado, bem e mal é imprescindível. O diálogo entre o pastor metodista Claudio Ribeiro e o ebomi, iniciado como sacerdote (ou como popularmente é conhecido “pai de santo”), do candomblé de perspectiva jeje-nagô João Tokunbó Carneiro é uma prova de que a experiência da boa convivência, do respeito e da fraternidade é possível.

Por mais que a estrutura do livro carregue a densidade da construção epistêmica, é um texto fluído e acessível, de modo que sua simplicidade revela o mais alto grau de sofisticação teológica presente nos autores. Temas como fé, espiritualidade, ética, comunidade, experiência com o divino atravessam os parágrafos de modo que as

* Doutor em Educação pela UMEP. Mestre em Ciências da Religião, Graduado em Teologia, Filosofia, História e Pedagogia; pós graduado em Gestão Escolar. Docente nas áreas de Filosofia Moderna e Contemporânea, Epistemologia (com ênfase na perspectiva decolonial), Filosofia da Educação e Ciências Humanas. Coordena o Grupo de Estudos DOMAINES: Foucault em perspectiva. E-mail: prof.pascoalmantovani@gmail.com.



especificidades das vivências de fé relevam mais sobre as aproximações entre as espiritualidades do que as diferenças. Este texto demonstra a necessidade de superar o equívoco histórico que lançou as duas expressões de fé como antagonistas.

O texto aponta que para superar problemas como a intolerância, desrespeito e o racismo religioso, o diálogo inter-religioso pode ser uma ferramenta potente para a reorganização dos modos de subjetivação e, sobretudo, na intersubjetividade ética. Nesta direção, o texto demonstra que a casa comum habitada por pessoas que experienciam espiritualidades distintas, pode ser compreendida como uma grande comunidade que partilha de axiomas como a ética, a solidariedade, o respeito e, sobretudo o amor. Deste modo, os autores demonstram que uma forma de superar a lógica da competitividade e o princípio da conquista presente nas religiões hegemônicas, é por meio da alteridade, a qual em vez de transformar o outro em um território a ser conquistado, reconhece a beleza inerente e inalienável no outro.

O livro é organizado em seis capítulos em que o fio condutor é o termo “Encontro”, e um capítulo final que demonstra a beleza da teologia pluralista como modo de desvelar estruturas enrijecidas e indiferentes para a necessidade da teologia do amor. É interessante observar que os capítulos há alternância em quem inicia e fecha o diálogo, de modo que quando o capítulo inicia com as provocações do pai de santo, em seguida, o pastor inicia o capítulo. O encontro dos dois religiosos não se dá por meio da tônica da apologética teológica de uma fé específica, mas, em vez disso, como a aproximação de amigos que buscam dividir um pouco de si e abraçar o que o outro tem para ofertar.

O primeiro encontro proposto pelos autores é intitulado “encontro com a vida e com a fé”. Na primeira parte intitulado como “o legado do candomblé”, Carneiro afirma que

A teologia do candomblé é algo antigo no cenário acadêmico, mas nunca constituiu uma disciplina própria nele. Ao mesmo tempo, suas fontes religiosas remontam às primeiras manifestações da religiosidade humana encontrada em sítios arqueológicos no continente africano, sobrevivendo até os dias atuais por conta da força de sua tradição religiosa de predominância oral (2025, p. 15).

O autor destaca que a legitimidade e presença da teologia do candomblé extrapola os limites da academia, isso porque encontra na memória fonte de conservação, pois “a

memória é poderosa por transitar entre as dimensões humanas do consciente e inconsciente” (2025, p. 18). Assim, o *Itan*, não precisa da averbação acadêmica para constituir sentido e significado, pois a dimensão da ancestralidade garante a preservação da narrativa e, mais do que isso, lança os religiosos a propagar suas fés.

Seguindo a mesma lógica humana, Carneiro demonstra que semelhante ao ato do pai dar a vida ao filho, assim é o orixá que dá a vida espiritual e a comunidade oferta a vida social. Assim, a chave hermenêutica do candomblé “é o amor adimensional e atemporal! O amor que irrompe o ser, que dá sentido à linguagem entre os espíritos” (2025, p. 24). Enquanto a memória é preservada por meio da partilha ancestral, a essência da espiritualidade é mantida por meio do amor.

Se aproximando destas proposições, Claudio Ribeiro sobre o “o legado da tradição cristã”, destaca que a espiritualidade cristã se fundamenta em elementos muito próximos do candomblé, pois por mais que exista um livro considerado sagrado, a vivência do cristianismo se finca no ato de trazer à memória, testemunhos, vivências, relatos de fé que não estão descolocados da realidade, em vez disso, auxiliam como modelo. Ao passo que se preserva a cultura do diálogo e da aproximação, o outro, em sua diferença, não é inferiorizado, pois “não se trata de menosprezar as demais religiões de fé, mas, ao contrário, considerarmos que quanto mais bíblicos formos como cristãos e cristãs, mais ecumênicos seremos” (2025, p. 33). Nessa direção, Ribeiro afirma que a espiritualidade cristã que se alicerça no texto bíblico tem como teleologia o despojamento e a autodoação, isto é

ela requer formar pessoais e coletivas que nos levam a aprender com as pessoas pobres o significado mais profundo da entrega, da disposição em partilhar, da solidariedade e do amor sem limites, mesmo que vivam tais dimensões da fé com intensas contradições (2025, p. 33)

A proposta do cristianismo, conforme Ribeiro, parte de noções como gratuidade, *koinonia*, utopia e *diakonia*, de modo que “tais aspectos são o reconhecimento de que a vida aem comunidade, por ser fonte privilegiada de utopia, se torna elemento de combate às diferentes formas sectárias, violentes, individualistas ou idolátricas do agir humano” (2025, p. 36).

O segundo capítulo é intitulado “Encontro com o outro” em que o pastor Claudio introduz a noção de alteridade, a qual se refere ao reconhecimento de um “outro” “que está além da subjetividade própria de cada pessoa, grupo ou instituição” (2025, p. 41). Por este viés, a noção de alteridade abrange a dimensão com o outro, relações de gênero, com a natureza e o fundamento do ser, isto é, a relação com Deus. A proposta do Evangelho é a interrelação destas dimensões mediados pelo amor. Para Ribeiro, Cristo, na tradição cristã, é um exemplo de reconhecimento da alteridade e, mais, promotor de uma abordagem pluralista da experiência religiosa.

A mística cristã está em sintonia com as ideias do candomblé. Segundo o babalorixá Carneiro “a ideia de que esse triplo aspecto (unidade biopiscossocial) é fundamental na existência do indivíduo e sua respectiva identidade” (2025, p. 54), pois o encontro consigo só é possível na relação com o outro em comunidade. A alteridade na perspectiva do candomblé pressupõe a presença de Exu em cada pessoa, logo, cada pessoa é um Exu singular

[...] Ao mesmo tempo em que possuímos a mesma “origem” do ponto de vista mítico, cada Exu é único e indissociável da nossa existência, conferindo-nos uma característica única e impossível de ser replicada: nossa marca divina, que nos permite nunca mais sermos confundidos com outro ser no Universo. (2025, p. 54).

A proposta de Carneiro é que cada sujeito ao reconhecer sua ipseidade se conecta com o todo. Por exemplo, a comensalidade é uma experiência que aproxima os corpos, preserva a identidade e, ao mesmo tempo, fortalece a noção de comunidade. Essa dinâmica acontece no candomblé porque Exu é em cada indivíduo, contudo, em vez de criar um espectro marcado pelo individualismo, a presença de Exu enfatiza que “é necessário agir em prol do coletivo e gerar reciprocidade na relação. É desse modo que se fortalece o “ori” da pessoa, com muito axé.” (2025, p. 60). A experiência da alteridade é um encontro consigo e de reconhecimento da plenitude da alteridade.

O terceiro capítulo com o título “Encontro do ser humano consigo mesmo”, Carneiro afirma que “No candomblé, o ser humano é compreendido por esta unidade tripartite: a individualidade expressa no ori-bará, a natureza na forma do nosso orixá e a ancestralidade, que se manifesta através do egum” (2025, p. 66). Dito de outro modo,

o reconhecimento de si está em relação com o outro em que o corpo é o território que permite essa experiência. Assim, Carneiro explica que

O candomblé concebe o ser humano como uma dualidade entre o corpo física (“ara”) e alma, esta composta por diferentes elementos. Um desses elementos é a alma que nos conecta à natureza, estabelecendo um vínculo singular com suas forças, como o mar, o rio, a chuva, as pedras e o trovão. Essa alma, que nos liga a um elemento natural específico, é chamada de “orixá”. (2025, p. 69)

O autor destaca que diferente da tradição judaico-cristã, o candomblé concebe que cada indivíduo tem origem em um orixá específico, a qual celebra “a diversidade desde a raiz da existência humana” (2025, p. 69). Cabe, portanto, à pessoa conhecer qual o seu orixá em sua encarnação atual. Contudo, mais do que trazer a diferença, o autor destaca a proximidade com a fé cristã ao passo que reconhece na humanidade a própria divindade.

Por este caminho, Claudio Ribeiro apresenta as reflexões do encontro do ser humano consigo mesmo a partir da fé cristã. Para o teólogo cristão, este encontro consigo “é o encontro com as nossas próprias fragilidades, ambiguidades e fraquezas” (2025, p. 74). Este reconhecimento das limitações, portanto, se refere a maneira como o indivíduo reconhece sua integralidade. Este ato de reconhecimento amplia os horizontes, pois

[...] Olhar para dentro de nós mesmos e, ao lado, ver as centelhas de paixão, os bons desejos para o outro e para nós mesmos, as possibilidades de luz, um raiozinho talvez, tentar descobrir a imagem de deus em nós no dia a dia de nossos passos. (2025, p. 79).

Tal postura está em sintonia com o quarto capítulo “Encontro com a natureza e com a história”, provocada por Ribeiro ao desafiar uma espiritualidade que abarca o todo, isto é

[...] “uma espiritualidade que, por ser ecológica, defenda os pobres e aprenda com eles; que por ser integral, valorize a vida cotidiana e seja sensível ao cuidado com a terra e a natureza, percebendo nelas o lugar de salvação da mesma forma que olhamos para o ser humano (2025, p. 87)

Nota-se que para Ribeiro “a espiritualidade é amaneira concreta de incorporação da cosmologia da vida humana” (2025, p. 88). O ser humano é um todo, que embora

carregue dimensões distintas, é um todo conectado, de modo que a própria exterioridade está interligada com a corporeidade humana, bem como a interioridade proporciona a ligação com o “universo psíquico e mental” (2025, p. 89). A espiritualidade se manifesta na prática, na consciência, em si e com o outro. A lógica individualista não tem espaço neste território, pois a medida que se afirma o panteísmo como elemento constitutivo da tradição bíblica, demonstra que deus não é só criador, mas parte da própria criação.

Nesta direção, Carneiro destaca que “o encontro do ser com a natureza é um sinônimo para o candomblé do encontro do espírito com o orixá” (2025, p. 98). A espiritualidade proporciona essa dilatação compreensiva, pois, reconhecer a si mesmo é perceber na dimensão de si no todo. Nesta esteira se desenvolve o quinto capítulo “Encontro com o corpo”. Carneiro enfatiza que o corpo utilizado nesta encarnação “é fundamental para estabelecer as dificuldades ou facilidades do cotidiano” (2025, p. 114). Nesta linha, o autor afirma

Ao mesmo tempo, o corpo não deixa de ser o Exu do espírito, visto que media as relações sociais e naturais e ambas com o sobrenatural. Não é por acaso que todos os processos iniciáticos do candomblé envolvem algum tipo de contato, podendo chegar até mesmo à fixação de marcas do corpo (2025, 114)

O corpo, como território condutor da relação com o divino, deve ser percebido como sagrado. Esta característica tangencia a lógica cristã, contudo, é preciso ficar atento para a visão equivocada de transformar o corpo em espaço do pecado em vez de conceber a sacralidade inerente ao corpo, bem como na vida. Essa dimensão, conforme Ribeiro, faz com que temas que as instituições teológicas e eclesásticas respondam questões ligadas a temas que, não poucas vezes, são evitados ao debate, sobretudo por terem resposta cristalizadas e dogmáticas. Um destes desafios está em torna da homoafetividade. Para além de classificar e qualificar o pecado, a teologia cristã tem como vocação propor a igualdade e a fraternidade entre os povos.

Outra dimensão problematizada por Ribeiro se refere ao monoteísmo que

Uma vez que canalizado para uma imagem sempre masculina de deus. inclusive tornou-se um “golpe” contra as culturas ancestrais que possuíam a crença em divindades femininas e que, por isso, empoderavam as mulheres. O monoteísmo afetou a vida das mulheres

ao acabar com a bissexualidade da divindade e assim afastar as mulheres da natureza divina. (2025, p. 125)

Ribeiro destaca que esta lógica, além de introduzir uma lógica cartesiana dualista, deixou infértil a possibilidade da potencia do feminino em se manifesta como divindade. A castração se dá no corpo, na sexualidade, da dimensão erótica, além de limitar o feminino a postura da passividade e reatividade. Se houvesse mudança neste paradigma conceitual, seria possível, por exemplo, aproximações mais concretas com as espiritualidades indígenas e africanas.

O sexto capítulo “Encontro divino-humano”, Ribeiro inicia enfatizando que “a fé cristã, diante do pluralismo, sente-se desafiada por diferentes e variadas razões” (2025, p. 131). O pastor demonstra que ao mesmo tempo que existe a tendência de olhar para o tema do pluralismo como um problema para a fé, a secularização como um desgaste dos fundamentos dos dogmas constitutivos da religião cristã, é possível, por outra ótica, observar tanto o pluralismo, a secularização, bem como outros elementos que são vistos como inimigos da fé como uma outra maneira de perceber e reconhecer as manifestações do deus bíblico que é, em suma, amor.

Um amor que se revela na criação, como uma obra trinitária que revela o caráter comunitário, democrático, interpessoal e coletivo da espiritualidade cristã. Este aspecto se aproxima do que Carneiro afirma:

O encontro humano-divino é o lugar do presente texto, que permite afirmar uma constatação paradoxal. É algo tão fácil e, ao mesmo tempo, tão difícil escrever e de registrar na ótica do candomblé. Talvez porque são questões humanas e divinas (no plural) que mais falam ao espírito de quem pratica o candomblé. Uma chave central, justamente a partir disso, é a experiência, a tal da “coisa vivida”. (2025, p. 143)

Essa dimensão suscita a ideia de heterogeneidade que, segundo Carneiro, se refere ao “processo contínuo de transformação que permite que os indivíduos se tornem cada vez mais solidários, ao mesmo tempo em que mantém suas particularidades e diferenças” (2025, p. 145-146). O encontro com o divino, por mais que seja uma experiência possível a todas as pessoas, acontece de modo singular para cada indivíduo. A casa de cada pessoa é seu próprio espírito, território em que os orixás se manifestam e se revelam. Aprender a lidar com essa dimensão é conseguir adentar em si mesmo.

Por fim, o último capítulo “por uma teologia pluralista do amor”, é possível ouvir as vozes dos autores sincronicamente. Em síntese, os autores demonstram que tanto na espiritualidade do candomblé quanto na teologia cristã é preciso ter em mente o “amor em ação” (2025, p. 159). Ter o amor como princípio é pressupor uma ética que está para além de bem e mal, certo ou errado, em vez disso, é a proposta de um movimento alicerçado em um movimento de amor que está a serviço da vida. Logo, duas noções estão interligadas: a ética do amor e a teologia pluralista. Enquanto a primeira busca responder as contingências da vida tendo como ponto de partida o amor; a segunda noção aponta para uma variada e vasta base para pensar e responder aos problemas. O outro é visto, a partir do princípio pluralista, como extensão da existência de si mesmo sem perder sua singularidade.

Assim, os autores encerram o texto enfatizando

(i) defrontar-se com a concretude da vida e com a força da fé, (ii) com o outro que nos é diferente, (iii) o encontro do ser humano consigo mesmo, (iv) com a natureza e com a história, (v) o encontro com o corpo e (vi) o encontro humano-divino em sua multiplicidade. (2025, p. 167)

Essas dimensões provocam o leitor a uma experiência de diálogo interfé, que valorize a diversidade, com respeito ao próximo, valorização da dignidade humana e buscando o bem comum, pois “foi esse um dos ensinamentos de Cristo, e é isso que certamente Oxalá nos convida” (2025, p. 169). Por fim, o diálogo entre o candomblé e o cristianismo é possível, desde que haja disposição entre os interlocutores.